

Hélder Paz Monteiro

(IN)DEPENDÊNCIAS

Uma travessia visual dos 50 anos de liberdade (e das suas contradições)

A presente proposta surge como um olhar autoral, crítico e sensível sobre os 50 anos da independência de Cabo Verde. O título - (IN)DEPENDÊNCIAS - é intencionalmente ambíguo: evoca tanto a conquista da liberdade em 1975 quanto as permanências (económicas, políticas, culturais) que ainda hoje nos ligam a formas subtis e explícitas de dependência, nomeadamente em relação aos antigos colonizadores. Esta é uma série fotográfica, documental-poética, que propõe uma leitura pessoal e simbólica da independência, propositadamente distante das cronologias histórico-institucionais. Por demasiado tempo, o tempo de uma vida, a minha, A HISTÓRIA, foi a minha História. Hoje, são as histórias que este olhar viu e viveu nestes 50 anos, o que aqui trago. Aquelas que cada um de nós poderia, à sua maneira, contar, deste país nosso. Esta é a minha.

Um ensaio de Hélder Paz Monteiro com a participação de Jorge Carlos Fonseca

Procura o génio
entre o talento
e a bravura de silêncios,
um milhão de rostos
numa só pátria.

Arraçado oceano,
onde soçobram caravelas
e emergem variegados heróis
na agitada metáfora da noute.
Agigantam-se,
entre secas planícies,
pantanosos arrozais
e montanhas de sabor azul,
ali onde medram esperanças,
ecoam lutas,
se tecem amores e traições,
porque há
sangue,
hino,
suor, o verde mar,
Liberdade e Homem,
a dor sinuosa e colorida que faz germinar,
em triunfo e paixões,
o arquipélago inteiro.

Indomáveis ilhas, estas,
de achadas de sol,
mel,
atléticos e sedosos cetáceos,
os pássaros de Barbosa
e a excêntrica bicharada dos ilhéus,
seios e búzios
de irrepetíveis melodias.

Sentam-se, então,
coniventes, as estrelas,
dez,
diante de uma porta circular,
fulgurante a música,
uma roda-viva num gigantesco pano
bordado de olhares,
gritos, estandartes,
cimboas, súmbias,
guerreiros, violinos e tambores,
olhando para cima
e proclamando em uníssono: «Sima Diós Kré!»

Jorge Carlos Fonseca



Cidade Velha - o início.

No início o mar. Como há milhões de anos, muito antes de nós, a moldar as pedras que seremos. No topo da falésia o casario, tranquilo, observa e guarda, todos os dias, a memória daquele dia inaugural.



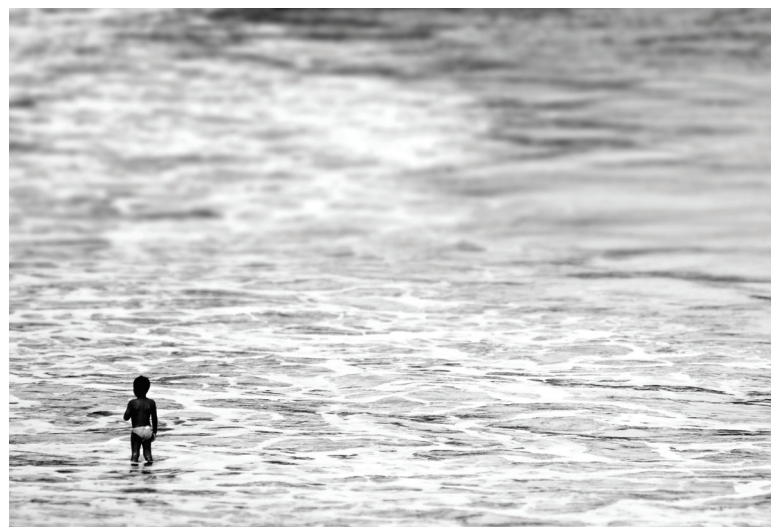
O (des)conhecido — rosto.

Somos o futuro de um passado, que assim se quis presente. Que futuro seremos deste presente, quando já for passado?



(Elas) As 10 Estrelas - as guardiãs.

Dez ilhas de memória e vida bordadas em panos, olhares e gestos. Dez estrelas vivas. De que outro céu, senão o nosso.



(Só)Zinho no mundo – o mar.

Nosso, espelho e alma, berço e destino, ponte e caminho, partida e regresso, sonho e (sobre)vivência. Somos poucos e pequenos, mas é à nossa porta que o mar bate todos os dias.



Do (m)ar e(stre)las – povo antigo, nação jovem

Da noite imensa, inicial e sem estrelas, às estrelas cintilantes de todas as nossas noites.



(Como) Deus quer - gestos e silêncios

Este é o país onde o mar se encosta para descansar. País em que o ritmo do dia pulsa ao compasso das marés, e onde o mar é espelho e ofício, sima diós kré.



HÉLDER PAZ MONTEIRO, 51 anos, natural de S. Antão, vive e trabalha na Praia/Santiago. É arquiteto e urbanista, atualmente técnico da IFH.

Fotografa há mais de duas décadas, considera a fotografia uma aventura existencial que lhe permite conhecer melhor o mundo e a si próprio. Tem explorado a fotografia a partir de séries temáticas que abordam, numa linguagem objetiva e espontânea, experimental e imaginativa, aspectos do humano (individual e coletivo), da paisagem (urbana e natural), da infância ao trabalho, do quotidiano ao imaginário, do jogo à diversão. Motiva-lhe rastrear, perseguir, sondar, captar as transformações ao nível dos comportamentos, das transformações sociais e históricas, das formas de socialização e adaptação às mudanças, os sinais de memória e de pertença que moldam as identidades. Procura participar em processos educativos comprometidos com uma ideia pedagógica de literacia visual, a partir de uma certa ideia de ativismo social e cultural. Gosta de ver e pensar o mundo através de um retângulo, tendo sempre em conta que não é a fotografia em si o que lhe fascina, mas a sua relação com o mundo, com a arte de viver, enquanto ferramenta para a vida.

Participou em diversas exposições coletivas e individuais ocorridas em Cabo Verde, Portugal e Brasil, de que destaca: Duas participações no INSTANTES - Festival Internacional de Fotografias de Avintes em Portugal - 2021 e 2020. A LINGUAGEM DO VER – Reitoria da UNI-CV, Cidade da Praia – Dezembro 2006 PARADOS EM MOVIMENTO – Centro Cultural Francês, Cidade da Praia – Abril 2007 VI-VEMOS AQUI – Sede da Cruz Vermelha de Cabo Verde e no Salão da Câmara Municipal da Praia, Cidade da Praia – Outubro e Novembro 2008 BLUE – Centro Cultural Português da Praia e Centro Cultural Português do Mindelo, Cidades da Praia e Mindelo – Julho e Agosto 2012 (A)MAR O MAR – Sede da Cruz Vermelha de Cabo Verde na Cidade da Praia e no Centro Cultural Português do Mindelo – Maio e Junho 2013 A (LUZ) QUE (NÃO) VEMOS – Sede do Instituto Internacional da Língua Portuguesa na Cidade da Praia e no Centro Cultural Português do Mindelo – Dezembro 2020 e Abril 2022 Foi co-autor em oito antologias de fotografia contemporânea.

no facebook – Helder Paz Monteiro
no site: www.youpic.com – H. Paz Monteiro

Textos Helder Paz Monteiro e José Eduardo Cunha



(O)utros (carn)avais — evasão de nós próprios

Rutilante a festa, com suas ágeis cores, fúria e alvoroço, memórias que em espiral se perdem. No fim do dia, exaustos, dançamos com o mundo que nos faz dançar.



(Peixe) é promessa (d)e amanhã — peixe & preces com a graça do mar

Regresso à água de todos os batismos, descalço e humílimo, para dar graças ao mar pelo peixe-nosso que cada dia nos dá. E assim somos (gr)atos.

Liberdade (entre) pegadas — O rumo: caminhos, caminhadas, caminhar.

Nos caminhos da liberdade, na linha de todas as caminhadas, pegadas há que nem sempre foram livres. Mas, se de todo o caminhar se faz caminho, elas são parte indissolúveis deste "para onde" nos guia a liberdade.





(Comem)orando — a festa, sempre
Reflexos da festa numa parede que da festa, em festa, fala. O que mudou, (d)a festa?

Ver(de) olhar — resistência.
Verde é nome, é sonho, é vida, é vigor, é ver-de-olhar verde o castanho que se quer verde. Se chover, é claro!



No fim do mar há porto
Onde termina a travessia, começa o abrigo. Onde acaba o abrigo, começa a (a)ventura. Por vezes atracamos, mas nunca chegamos. No fim do mar há (sempre) um porto.



(Chin) aqui — futuro de qual(idade)
China aqui, ali, importado, embalado, por todo o lado. A criança, futuro de todos os futuros, não se deixa enganar. Descobriu, sozinha, da montra, o logro do vido.



Rosa(s) ela(s) — a rendição das heroínas
A pausa das invencíveis guerreiras, namoriscando a concorrência. Humanas, demasiado humanas, como resistir às portas escancaradas de sonhos cor-de-rosa, a preços de saldo?

Parar para vi_ver é a minha pro_vocação

O show, antes do Chow — indigna_ção
Quem escreveu a Chow o guião para este palco, festa infame de silêncios, prenúncio de uma catástrofe (nossa) consentida (por nós).
A pergunta, inevitável, é só uma: QUEM TRAIU ESTA PAISAGEM?

